

UM GRITO NO AR

Comunicação e Criminalização dos
Movimentos Sociais



Organizadoras

Elen Geraldes
Janara Sousa
Ruth Reis
Vanessa Negrini



Universidade de Brasília



Um grito no ar

Comunicação e Criminalização dos Movimentos Sociais

Organizadoras

Elen Cristina Geraldês | Ruth de Cássia dos Reis

Janara Kalline Leal Lopes de Sousa | Vanessa Negrini



Copyright © 2017 by FAC-UnB

Foto Capa Daniel Castellano (Gazeta do Povo)
Agradecimentos Ângela Alves Machado
Diagramação LaPCom
Apoio Lizely Borges



FACULDADE DE COMUNICAÇÃO DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – FAC-UNB

Endereço: Campus Universitário Darcy Ribeiro - Via L3 Norte, s/n - Asa Norte,
Brasília - DF, CEP: 70910-900, Telefone: (61) 3107-6627
E-mail: fac@unb.br

DIRETOR
Fernando Oliveira Paulino

VICE-DIRETORA
Liziane Guazina

CONSELHO EDITORIAL EXECUTIVO

Dácia Ibiapina, Elen Geraldes, Fernando Oliveira Paulino, Gustavo de Castro e
Silva, Janara Sousa, Liziane Guazina, Luiz Martins da Silva.

CONSELHO EDITORIAL CONSULTIVO (NACIONAL)

César Bolaño (UFS), Cíclia Peruzzo (UMES), Danilo Rothberg (Unesp), Edgard
Rebouças (UFES), Iluska Coutinho (UFJF), Raquel Paiva (UFRJ), Rogério Christofolletti
(UFSC).

CONSELHO EDITORIAL CONSULTIVO (INTERNACIONAL)

Delia Crovi (México), Deqiang Ji (China), Gabriel Kaplún (Uruguai), Gustavo
Cimadevilla (Argentina), Herman Wasserman (África do Sul), Kaarle Nordestreng
(Finlândia) e Madalena Oliveira (Portugal).

SECRETARIA EDITORIAL

Vanessa Negrini

Catálogo na Publicação (CIP)
Ficha catalográfica

S725m

Um grito no ar – Comunicação e Criminalização dos Movimentos Sociais /
organizadores, Elen Cristina Geraldes... [et al.] – 1. ed. – Brasília: FAC-UnB, 2017.
344 p.; 21,59x27,94cm.

ISBN 978-85-93078-24-8

1. Comunicação. 2. Movimentos sociais. I. Título.

CDD: 305.4

CDU: 305-055.2

DIREITOS CEDIDOS PARA ESTA EDIÇÃO PARA A FAC-UNB.
Permitida a reprodução desde que citada a fonte e os autores.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	7
ALEXANDRE MARCELO BUENO.....	9
MOVIMENTOS SOCIAIS E SEUS SIMULACROS	
ANA JÚLIA RIBEIRO	26
A MÍDIA QUER NOS COLOCAR PARA BAIXO	
ANINHO MUCUMDRAMO IRACHANDE	30
IDENTIDADE, REIVINDICAÇÕES E DIÁLOGO	
BEATRIZ VARGAS RAMOS GONÇALVES DE REZENDE	34
EM DEFESA DA REGULAÇÃO DA MÍDIA	
BRUNELA VINCENZI.....	47
PELAS NARRATIVAS DOS REFUGIADOS	
CARLA CERQUEIRA.....	52
MARCAS DA DITADURA EM PORTUGAL	
CAROLINE KRAUS LUVIZOTTO	59
LUTA ÁRDUA, PENOSA E DURADOURA	
CICILIA M.KROHLING PERUZZO	65
MOVIMENTOS POPULARES ENTRE A OMISSÃO, A SUPERFICIALIDADE OU A CRIMINALIZAÇÃO DA MÍDIA	
CLAUDIA SANTIAGO GIANNOTTI	71
SÍNDROME DO PENSAMENTO ÚNICO	
DÁRIO BOSSI.....	76
DIREITOS AMBIENTAIS SÃO DIREITOS HUMANOS	
DEOLINDA CARRIZO	90
A IMPORTÂNCIA DOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO DOS MOVIMENTOS SOCIAIS	
EDNA CALABREZ MARTINS.....	94
ENFRENTAMENTO DA INVISIBILIDADE DAS MULHERES	
ERIKA CAMPELO.....	108
DESCONSTRUÇÃO DOS ESTEREÓTIPOS SOBRE AS MINORIAS	
FRANCESCA GARGALLO.....	119
FEMINISMO COMO AÇÃO POLÍTICA	
FREI SERGIO ANTONIO GÖRGEN	134

TEMOS UMA CAUSA E NELA ESTÁ A NOSSA FORÇA	
GIOVANNI FELIPE ERNST FRIZZO	142
VALORIZAÇÃO DA IMPRENSA CONTRA-HEGEMÔNICA	
JOSÉ CARLOS DO NASCIMENTO GALIZA	150
CONVENCER A SOCIEDADE DE QUE NOSSAS PAUTAS SÃO VÁLIDAS	
JOSÉ VALDIR MISNEROVICZ	157
VALE A PENA LUTAR E SE ORGANIZAR	
KEILA SIMPSON	166
CIDADANIA DAS PESSOAS TRANS	
LAM MATOS	173
PRESSA DE VIVER DE FORMA DIGNA	
LYDIA ALPIZAR	179
DEFENDER AS DEFENSORAS DOS DIREITOS HUMANOS	
MÁRCIO ZONTA	193
EMANCIPAÇÃO DA CLASSE TRABALHADORA	
MARCOS WILLIAN CAMPOS DE OLIVEIRA	197
QUEBRANDO A BLINDAGEM DA MÍDIA TRADICIONAL	
MARIA EDUARDA DA ROCHA MOTA	206
TRABALHO DE BASE E SOCIALIZAÇÃO POLÍTICA	
MARIA LUCIA LOPES DA SILVA	217
RESISTÊNCIA AO PROJETO NEOLIBERAL	
MARINA POGGI	232
LA SOCIEDAD EN RED ACTUALIZA LOS MOVIMIENTOS SOCIALES E SUS LUCHAS	
MIGUEL STEDILE SOLANGE ENGELMANN IRIS PACHECO	242
COMUNICAÇÃO E ORGANICIDADE DO MST	
MÔNICA CUNHA	259
NÃO SE PODE MATAR NOSSOS FILHOS E NOS MANTER CALADAS	
OMAR CERRILLO GARNICA	265
ATIVISMO DIGITAL NO MÉXICO	
PRISCILA GAMA	272
AÇÕES AFIRMATIVAS CONTRA O RACISMO	
RAFAEL FORTES	277

AI DE QUEM QUEBRAR A VIDRAÇA DE UM BANCO	
RENATO JANINE RIBEIRO	288
A POLÍTICA PRECISA DE DIÁLOGO	
ROMERO JÚNIOR VENÂNCIO SILVA	298
A LIBERTAÇÃO DOS TRABALHADORES SERÁ PRÓPRIA DOS TRABALHADORES	
ROUSILEY CELI MOREIRA MAIA	305
DESAFIOS DOS ATIVISTAS EM AMBIENTES SOCIAIS INTERCONECTADOS	
TÂNIA CRISTINA CRUZ	311
HOJE É MAIS DIFÍCIL DILUIR OU VIOLENTAR DIREITOS POPULARES	
TÂNIA MARIA SILVEIRA	316
QUALQUER GRITO NO AR É UM INCENTIVO	
THIAGO APARECIDO TRINDADE	325
MOMENTO DE REARTICULAÇÃO E REAGRUPAMENTO DA ESQUERDA	
VAGNER FREITAS	337
SER VISÍVEL É QUESTÃO CENTRAL	
A CAPA	342
AS ORGANIZADORAS	343

“E aí está a grande tarefa humanista e histórica dos oprimidos – libertar-se a si e aos opressores. Estes, que oprimem, exploram e violentam, em razão de seu poder, não podem ter, neste poder, a força de libertação dos oprimidos nem de si mesmos. Só o poder que nasce da debilidade dos oprimidos será suficientemente forte para libertar a ambos”,

PAULO FREIRE (Pedagogia do Oprimido)

“Uma parte substancial da nossa imprensa está expressando uma ideologia conservadora. E esta ideologia conservadora não é simpática aos movimentos sociais.”

RENATO JANINE RIBEIRO

A política precisa de diálogo

Fabiana Santos Pereira¹

Foi Ministro de Estado da Educação, de 6 de abril a 5 de outubro de 2015. É professor titular da Universidade de São Paulo, na disciplina de Ética e Filosofia Política e professor honorário do Instituto de Estudos Avançados da USP. Recebeu o prêmio Jabuti de melhor ensaio (2001), a Ordem Nacional do Mérito Científico (1997). Atua na área de Filosofia Política, com ênfase em teoria política. Foi diretor de Avaliação da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES/MEC - (2004-8). Em 2014, publicou o artigo O Brasil e a democracia de protesto, na revista MATRIZES/USP V. 8 - Nº 1 jan./jun., no qual discute os protestos ocorridos em 2013 no país, traçando um paralelo, quanto ao seu caráter de happening, com os eventos de Maio de 1968. Além de destaque em sua área de atuação, o professor Renato Janine é atuante nas redes sociais. Sua página no Facebook possui mais de 123 mil seguidores. Os temas políticos e sociais e a cobertura da mídia sobre esses assuntos são abordados por ele diariamente, em especial nos últimos anos com os acontecimentos conturbados no cenário político brasileiro antes e pós impeachment ou golpe.

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências da UFRGS/UFSM/FURG. Título do projeto: Ações Afirmativas na Pós-Graduação. Graduada em Comunicação Social, habilitação em jornalismo, pela Universidade Católica de Brasília. É servidora pública federal na CAPES/MEC, onde ocupa, desde 2009, o cargo de coordenadora de Comunicação Social. E-mail: fabiana.santos@capes.gov.br

Qual o papel dos Movimentos Sociais na atualidade? Houve mudanças nos últimos tempos? Cite exemplos.

Os movimentos sociais são muito importantes. Se não houver luta por uma sociedade mais justa, você não terá essa sociedade mais justa e ponto final. Nós vivemos há mais de 200 anos uma tendência à democratização da sociedade do mundo - desde a Revolução Americana e a Francesa. A partir da década de 1770, a democratização está na ordem do dia e foi crescendo. No entanto, no que diz respeito à questão trabalhista, a preocupação com a desigualdade social, com a pobreza e com a miséria, demorou muito a surgir e somente resultou das lutas dos trabalhadores que começa no século XIX. Até a Primeira Guerra Mundial, e o período depois dela, praticamente nenhum governo do mundo se ocupava das questões sociais e trabalhistas. Tanto que as crises que levaram ao fascismo, ao nazismo foram em decorrência disso, de governos liberais que achavam que não podiam interferir na economia. Isso muda, em parte com a revolução bolchevista, e em parte com Franklin Roosevelt com o *New Deal*, que vai trazer grandes mudanças e a democracia se amplia. Amplia para incluir os mais pobres, amplia para incluir os trabalhadores e para respeitar os direitos deles. Sem esses movimentos, que de início foram basicamente de trabalhadores, a sociedade moderna seria uma democracia muito truncada, muito falha. É difícil falar em democracia antes dessa expansão social para outros setores.

A novidade das últimas décadas é que, além dos movimentos de trabalhadores, começa a haver movimentos sociais que não são escorados na oposição capital/trabalho: movimentos de mulheres, de negros, indígenas, de homossexuais. São os quatro grandes movimentos ditos de minorias no Brasil. Na sociedade brasileira são os principais. Minoria não é um termo que quer dizer quantidade, as mulheres são mais numerosas que os homens e se você fizer uma conta meio errada, pode dizer que os negros são mais numerosos que os brancos. Somando negros, afrodescendentes e mistura com os descendentes indígenas, dá um pouco mais de metade da população. O problema é que alguns apresentam essa soma como se não tivesse índios e seus descendentes dentro dela. O correto é dizer que os brancos são menos da metade da população no Brasil. Agora, afora os brancos, você tem os descendentes de orientais, descendentes indígenas, negros e afrodescendentes. Nenhum desses grupos é maioria da população no Brasil, isoladamente.

Civilizar a sociedade, para evitar o caráter intensamente predatório do capitalismo e fazer com que o capitalismo tenha certo rosto humano, precisa, além dos movimentos trabalhistas e sociais, dos movimentos ambientais. Eles são importantes, mas como não são propriamente movimentos sociais, não são o foco da nossa conversa; mas só diria o seguinte, se fizer um movimento social sem atentar para o ambiente, vai custar caro depois. Vou citar um exemplo disso. Por volta de 1900, o engenheiro Saturnino de Brito saneou a cidade de Santos. A cidade de Santos perdeu a metade da população em uma epidemia na década de 1890. Esse engenheiro foi chamado e foi ele quem construiu os canais em Santos, que regularizaram o fluxo da água e evitaram a proliferação dos vetores dessa doença.

Mas o engenheiro Saturnino também fez uma recomendação para São Paulo e essa não foi seguida. Recomendou que a cidade preservasse 250 metros de cada lado dos rios Pinheiros e Tietê, que eram a várzea dos rios. Como isso não foi preservado, temos uma crise gigantesca, problemas a cada ano de alagamento. Isso é praticamente insolúvel, porque algumas das construções são muito caras. Demoli-las e devolver as margens do rio ao seu dono (o próprio rio) sairia um preço absurdo. Esse exemplo mostra como a miopia ambiental acaba gerando problemas gigantescos e, depois, muito caros.

Ora, assim como o capitalismo, a busca do lucro fechou os olhos ao meio ambiente e trouxe problemas seriíssimos anos depois, também os fechou aos problemas sociais e trouxe problemas igualmente seriíssimos. Assim, se os movimentos sociais fecharem os olhos para os problemas ambientais, vão gerar também questões graves. Quando se faz uma ocupação de área de proteção ambiental, se constrói casa, se invade, isso só cria problemas depois. Resolve um problema imediato e deixa uma conta maior para as próximas gerações.

O que a experiência mostra é que toda vez que se adia o que é necessário fazer, fica mais caro. E o que vivemos hoje no Brasil é que todas as contas estão sendo cobradas ao mesmo tempo. Todas. Todas as contas sociais, todas as contas trabalhistas, todas as contas ambientais.

Isso criou um problema gigantesco, porque o Brasil não gera riqueza suficiente para pagar tudo. Temos dois problemas. Primeiro, os setores mais ricos não querem pagar a conta. Lutam o quanto podem para não pagar. Preferem reduzir os benefícios sociais a pagar mais imposto de renda de pessoa física, que é o imposto mais justo que existe. O segundo ponto é que há dois anos está caindo o PIB [Produto Interno Bruto]. O Brasil, para crescer e resolver isso, deveria ter um aumento grande do PIB. No caso da educação, gastamos 6% do PIB em educação. É a média da OCDE [Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico ou Económico], é o mesmo que a Alemanha gasta. Mas o PIB per capita alemão é cinco vezes o nosso. O dinheiro que aqui se gasta por pessoa é um quinto do gasto alemão per capita. Então, ou aumentamos esse dinheiro, que foi o que o Plano Nacional de Educação tentou, com a pretensão de chegar a 10% do PIB, ou aumentamos o PIB. Não é possível chegar nunca a 30% na educação. Mesmo chegar a 10% não é simples. A grande questão é aumentar o PIB. Esse foi um dos pontos que derrubaram o Governo Dilma. Ele estava vivendo uma queda do PIB, com isso perdeu a confiança da direita e o apoio da esquerda e chegamos a essa crise terrível que temos hoje.

Como os Movimentos Sociais são noticiados pela imprensa do seu país? Há diferenças entre os veículos? Cite exemplos.

Você não tem uma única postura em relação aos movimentos sociais. Você tem setores, como uma revista semanal bastante vendida, que são contra, que diretamente atacam. Mas, mesmo a revista *Veja*, na década de 90, fazia matérias favoráveis ao Movimento dos Trabalhadores Rurais

Sem Terra (MST), mostrando que o movimento estava criando uma camada próspera de assentados. Outros jornais, sem serem propriamente simpáticos aos movimentos, também não fazem uma campanha direta contra eles. O mais saliente é a grande não cobertura.

De modo geral, diria que a maior parte da nossa mídia tem uma situação meio curiosa a respeito. São favoráveis à luta contra preconceitos. Se há preconceito contra mulheres, contra negros, contra indígenas, contra gays, a maior parte da nossa mídia o combate. Mas, quando esses movimentos começam a mexer com a estrutura do dinheiro, do capital, a mídia não apoia. Nossa mídia gostaria, talvez, de uma igualdade de direitos entre as pessoas, mas se isso não custasse dinheiro, se não representasse uma transferência de renda. E isso é muito difícil.

A discriminação contra a mulher é uma discriminação intraclasse, há mulheres em todas as classes sociais. Acabar com essa discriminação não muda o perfil de classe da nossa sociedade, embora, obviamente, reduza o domínio masculino. Se o ministério inicial de Michel Temer fosse equilibrado em questão de gênero, metade dos políticos que lá estão, lá não estariam; mas isso não muda o perfil das classes. O mesmo vale para os homossexuais, presentes em todas as classes sociais. No caso deles, não se luta por cotas: o que há é a luta pelo fim de preconceito, a busca da visibilidade - o que chamavam antigamente de “sair do armário”, que é a pessoa poder assumir a sua condição, se quiser, sem obrigação, mas cessando todo preconceito. Já os negros e indígenas estão mais nas classes pobres. Uma política de valorização dos negros e indígenas necessariamente muda o perfil de classe da sociedade, o que produz resistência nos meios beneficiados pela hierarquia de classe.

De alguma forma a imprensa do seu país contribui para a construção de uma imagem estereotipada dos Movimentos Sociais? Consegue identificar as vinculações políticas e ideológicas dos principais veículos de comunicação do seu país? Cite exemplos.

Como afirmei, há um setor da imprensa que os ataca e também há falta de informação a respeito. Nossa imprensa vive uma crise, como no mundo todo, mas talvez no Brasil esteja mais pronunciada. Por que essa crise? Primeiro, o acesso à informação se tornou bem barato. Tem-se acesso à informação gratuitamente em blogs, sites etc. O que não se consegue desse jeito é o panorama que o jornal fornecia. Um jornal diário cobre (quase) tudo: política nacional, internacional, economia, esporte, cultura, cinema, palavras cruzadas, sudoku. Hoje, tudo isso está pulverizado. Você consegue tudo isso de graça, mas está pulverizado e não sistematizado. Quem não lê um jornal tem a informação segmentada.

Ao mesmo tempo, nossa sociedade valoriza muito a segmentação. Você lê só as notícias que te interessam. Se comprar um jornal, provavelmente vai ler 20, 30% dele. Pouca gente lerá 80%. Com isso, os jornais perderam muitos leitores, perderam um volume enorme de anúncios. Os

classificados perderam o sentido. Eles faziam os jornais de domingo, sobretudo o Estado de S. Paulo, serem volumosos. Perderam os balanços de empresas que por lei eram obrigatoriamente publicados em jornal, coisa totalmente inútil. Eram páginas que ninguém lia, que hoje podem ser disponibilizadas na Internet.

Com essa perda de receita e de leitores - porque há a internet, que é fascinante e informa na hora; a TV, mais atrativa que a mídia impressa; isso, num país historicamente de poucos leitores - veio uma crise aos jornais. Os jornais brasileiros fazem pouca cobertura. Há uns anos, o *Valor Econômico* mandou repórteres cobrirem primeiro a Transamazônica e depois educação no Nordeste, especialmente no Ceará. Os outros jornais não faziam, só o *Valor* fez.

A cobertura que os jornais paulistas, em especial, fazem sobre o resto do Brasil é precária. Esse esvaziamento de informação e de análise - que eles também não fazem muita - tentam compensar pela aposta, sobretudo na *Folha de S. Paulo*, em colunistas estranhos ao quadro do jornal, que recebem por artigo, um valor geralmente modesto. Para atraírem a leitura, contratam colunistas que têm opiniões fortes e, geralmente, sempre a mesma sobre qualquer assunto que ocorra. A divergência entre eles é pequena.

Trazem pouco conhecimento. Não são análises, são opiniões. Nossos jornais têm pouca informação e muita opinião. Isso precariza ainda mais a situação. Leva muita gente a ler jornal estrangeiro. Veja o *El País*, que tem uma edição modesta em português, mas muito mais lida, pelos meus amigos na internet, que os jornais tradicionais. Até porque é independente da política brasileira. Não está jungida a interesses econômicos ou políticos nacionais.

E ainda há um problema que é a imprensa simplesmente desconhecer assuntos importantes. Penso num assunto que conheço bem, afeto ao Ministério da Educação: em 2011, um jornalista da *Folha de S. Paulo* esteve no sul do Piauí em viagem de férias. Lá ele descobriu um programa de transporte de crianças da zona rural para a escola. Ninguém do jornal tinha ouvido que milhões de crianças da zona rural eram transportadas em ônibus e até mesmo lanchas novinhos, bonitinhos, de boa qualidade para a escola. Ele ficou impressionado e fez um artigo a respeito. Agora me pergunto, como é que um jornal de impacto nacional não conhece uma política de impacto social tão grande? É por falta de informação mesmo, falta de espaço para esses temas.

Ao mesmo tempo, os jornais procuraram atender muito uma demanda de serviços, que seria a demanda da classe média, o melhor restaurante, a melhor sala de cinema. Investiram nisso e é uma parada que perderam. A *Folha* acabou de mudar o projeto editorial para, diz ela, sair dessa prioridade (minha impressão como leitor é que ela continua por aí). Por que perderam essa parada? Porque você acha isso pela internet. Se quiser saber a qualidade das salas de cinema é mais fácil buscar um portal focado nisso, ou mesmo uma rede social em que cada um comenta como está o cinema tal, uma coisa tipo Vivino. Se vou comprar um vinho para que esperar um jornal, esperar um artigo, se posso olhar no Vivino ou na internet?

De qualquer forma, esse deslocamento para a pauta de serviço também enfraqueceu a cobertura de notícias. Finalmente, como o público focado pela imprensa é sobretudo um público de classe média e mais rico, a mídia entrou no vicioso de investir na ideologia das pessoas que, por sua vez, querem que o jornal invista mais e mais nesta ideologia. Virou um círculo vicioso. Parte substancial de nossa imprensa expressa uma ideologia conservadora - que não é simpática aos movimentos sociais. Tudo isso, somado, faz a cobertura, primeiro, praticamente não existir e, segundo, quando existe, ser desfavorável e repetitiva. O que quer que o MST faça, e outros movimentos, você terá a mesma informação nos jornais: a cobertura será modesta, os juízos de valor negativos e sempre iguais. Isso torna a relação da mídia com os movimentos sociais tensa.

Há diferença da cobertura dos Movimentos Sociais pela imprensa do seu país e internacional? Cite exemplos de fatos, protestos e manifestações em que a cobertura nacional foi diferente da internacional, no sentido de criminalizar os Movimentos Sociais.

O caso mais direto é o do El País e da BBC Brasil, que têm redações aqui e publicam na Internet. Sua cobertura é bem mais favorável aos movimentos sociais do que a dos jornais de capital brasileiro. Aliás, recentemente a associação dos grandes jornais contestou se esses veículos estariam constitucionalmente autorizados a funcionar, porque não são de capital majoritariamente brasileiro. É curioso que jornais que dizem defender a liberdade de imprensa contra o Estado apelem a este para eliminar a concorrência.

Qual a importância da imprensa para os Movimentos Sociais e quais as estratégias de comunicação possíveis de serem adotadas para dialogar diretamente com a sociedade? Cite exemplos.

Essa pergunta muda nosso plano de discussão: agora você coloca os movimentos sociais como sujeito da sua própria comunicação. Primeiro, acho difícil os movimentos sociais conseguirem um diálogo com a mídia, tal como ela existe hoje, por que o Brasil conseguiu, nesses últimos anos, o triste êxito de cortar praticamente todo o diálogo. As posições políticas ficaram blindadas, praticamente imutáveis.

Temos talvez a maior parte da população relativamente indiferente ao que está acontecendo. Já entre os que acompanham o que sucede, há uma parte muito convicta do ódio aos movimentos sociais, à esquerda, ao PT e uma parte menor, mas também muito convicta no apoio aos movimentos sociais, à esquerda. A comunicação ficou muito difícil. É quase impossível mudar a opinião de quem já a tem.

A rigor, se quiser vencer a batalha da comunicação, você teria que conquistar esse leitorado neutro, esse *leitorado*, que politicamente é um eleitorado neutro. Neutro não quer dizer “isentão”, o termo pejorativo para quem se recusa a tomar posição: o fato é que a maior parte da população dá pouca importância à política. Associa pouco suas condições de vida à política. A saída é focar nesse último grupo, o mais numeroso, mas para isso é preciso chegar a ele. Se sua comunicação for muito política, não chegará lá. O resultado desses anos é uma desconfiança liminar com relação à política. Quem não gosta de política tem muito mais vezes razões de não gostar hoje do que antes. Um discurso sempre forte no Brasil foi o de que todos os políticos são iguais. Daí que você vote em candidatos ladrões, porque a ideia é que nenhum deles é melhor ou pior que os outros. Todos roubam. Daí, a escolha pode se basear no “rouba, mas faz”, no “é amigo da minha família”, no “vou levar alguma vantagem com isso”.

Nunca se esperou aqui grande coisa dos políticos do ponto de vista ético, ou da solução dos problemas sociais. Isso sempre favoreceu no Brasil soluções autoritárias, ditaduras. Se os políticos são ruins, é melhor ter um general, um tecnocrata lá em cima. O PT construiu sua imagem com uma imagem ética. Quando chega à Presidência, não é tão votado pelos pobres, tem um eleitorado grande na classe média. Muitos pobres em 2002 ainda votaram nos candidatos conservadores, mas o partido chega com uma bandeira ética que atrai uma franja substancial da classe média. Em 2006, o PT vira o mapa, fazendo com que os pobres comecem a votar em grande massa nele. É no governo que o PT consegue ter o voto dos pobres em geral.

Dizia-se antes que o PT tinha o voto dos pobres organizados, movimentos sociais, movimentos trabalhistas, mas não o dos pobres desorganizados. Estes votavam no coronel, em ACM, em Sarney. Em 2006, o PT consegue o voto dessa parcela, o voto é mais de consciência social. Consegue superar os preconceitos ideológicos, contra ele, na mente de beneficiários de suas políticas. Quando tem o cofre, muda a destinação do dinheiro, para beneficiar esse contingente enorme de pobres. Mas, ao mesmo tempo que o PT tem esse êxito, que responde pela popularidade do Lula e vai crescendo até o final do segundo mandato, ao mesmo tempo ele deixou de lado a bandeira ética.

Não estou dizendo que o PT se tornou um partido não ético ou antiético. Digo só que ele fez uma revolução ética importantíssima no Brasil, que foi dar escala à inclusão social, foi pegar algo que vinha desde Itamar Franco, desde Fernando Henrique, mas em volume menor, e transformar em prioridade nacional.

O PT tornou a inclusão social uma coisa que nenhum governo eleito poderia desfazer, tanto que quem está hoje atacando isso é um governo que não foi eleito. Temer foi eleito vice, mas não foi eleito para fazer o contrário do que Dilma fazia. A ilegitimidade de Michel Temer está em ele ter assumido a Presidência para governar com os derrotados de 2014 promovendo o programa que foi vencido nas urnas. Precisaria haver havido eleições para legitimar isso, as quais não houve.

Mas, fechando os parênteses, o erro do PT foi não ter dito que é fundamental o combate à corrupção, mas que a enorme chaga ética do Brasil é a miséria. Assim como no século XIX a chaga ética era a escravatura, no começo do XXI a chaga ética é uma miséria que vem de 500 anos. Mesmo a pobreza é uma ferida ética. Na miséria, a pessoa não tem renda suficiente para repor suas condições de vida. A pessoa está morrendo a cada dia. Essa não é uma afirmação metafísica, filosófica. É real. A cada dia, sua saúde se deteriora, de forma que vai viverá menos do que o tempo que estatisticamente seria o seu.

Já na pobreza se consegue manter as condições de vida. O que não se obtém são bens de consumo duráveis: não se consegue poupar ou conquistar as coisas necessárias para uma vida boa. Desde o eletrodoméstico, que seria o mais fácil de conquistar, até o mais difícil, que é a casa própria. Sai-se da pobreza ao se poder comprar bens de consumo duráveis como a linha branca e algo que não é nem bem de consumo, que é a casa própria.

O PT fez um trabalho importante com a maioria da população. Mas jamais deu a isso o colorido ético. Jamais ele disse: estamos resgatando uma dívida várias vezes secular. Colocou muito mais ênfase no interesse. A felicidade que a pessoa tem quando ganha um liquidificador, quando pode melhorar de roupa foram as tônicas de seu marketing eleitoral e de seus discursos políticos. Nesse plano, o PT não rompeu tanto com o discurso de Fernando Henrique, que insistia em que o pobre agora podia “comprar iogurte, comprar frango” ou que contava que sua “empregada viajou para as ilhas gregas”. Foi no consumo que Fernando Henrique e seu partido procuraram ver o êxito social de suas políticas econômicas. Foi no consumo que Lula, embora em escala bem maior, celebrou a vitória de suas políticas sociais.

Com isso, o país ficou carente da questão ética. Esse foi e é um grande problema. Porque já em 2006 a direita usou o argumento ético contra o PT. Antes de 2006 jamais alguém lançaria contra o PT um jingle como “Para um país decente, Alckmin presidente”. Era impossível opor a decência ao PT; tornou-se possível. Houve uma longa janela entre 1982 e 2002 em que o PT foi considerado o partido ético por excelência, que fugia da representação de que todos os políticos roubam.

O partido até era criticado por causa disso. “Eles são tão ingênuos, que não vão conseguir governar com essas velhas raposas”; “Olha, eu até gosto do PT, mas eles propõem uma política econômica quase socialista e querem ser muito éticos, não vai dar certo, não vai funcionar”. A crítica que muitos faziam era uma crítica realista a uma política idealista. Uma crítica da realpolitik contra a ingenuidade ética do PT. Mas essa crítica sumiu porque o PT, depois de apenas um ano no governo, passou a ser visto como um partido que fazia as mesmas coisas. Houve o mensalão, o petrolão. Essa imagem o contaminou.

Voltando à população brasileira: a maioria tem aversão à política, porque ninguém na política para ela se sobressai eticamente. Isso autoriza essas pessoas a, primeiro, votar segundo seus interesses imediatos - de modo que elas mesmas não são tão éticas, procuram sua vantagem. Segundo, só se ocuparem de política na última hora. Terceiro, não fazerem uma análise de como

a política rebate na vida delas. A política mexe diretamente na sua vida. Quem não percebe isso, é conduzida, não conduz.

Por isso mesmo, quem quiser varrer a barreira dos ódios blindados que hoje há entre direita e esquerda tem que intervir em espaços não marcados politicamente, e introduzir a política delicadamente e devagar. É o público apolítico que pode eventualmente ser conquistado. Com os demais públicos, isso fica difícil.

Sobre as redes sociais, a proliferação de redes, de grupos, de notícias fakes com relação aos acontecimentos políticos e sobre os movimentos. Muitas vezes as redes são utilizadas para convocar pessoas para movimentos que nem existem, ou que teriam motivação diferente da anunciada. Comente um pouco sobre esses fenômenos que as redes têm permitido.

O dicionário da língua inglesa da universidade de Oxford informou no final de 2016 que a principal palavra a surgir no ano foi pós-verdade. O termo virou uma coqueluche. Não lembro de outras palavras do ano, do Oxford English Dictionary, terem tido tanto impacto. Então estamos no mundo da pós-verdade. O que significa várias coisas. Primeiro, há muita informação descaradamente mentirosa circulando nas redes. Segundo, essa informação é deliberadamente circulada por candidatos, políticos e grupos políticos. Faz-se isso de todos os lados, sobretudo à direita, mas também em alguns sites de esquerda a mentira é difundida, ou pelo menos a apuração é mal feita. O terceiro ponto é o mais grave de todos. É a blindagem ante qualquer discurso que procure esclarecer que aquela informação era falsa.

Há uma frase de Donald Trump durante a campanha de 2016, num momento em que ele não era o favorito: “Se eu sair amanhã na quinta avenida em Nova York, dando tiro para o ar, não vou perder um voto”. Quer dizer: seus eleitores estavam tão blindados a qualquer coisa adversa a ele, que não se poderia usar o que no direito se chama de exceção da verdade. Não se poderia dizer “você não está dizendo a verdade”. Trump diz qualquer coisa e sabe que muitos vão acreditar. Isso, quando o clima de ódio é forte.

Estamos vivendo desde uns anos um clima de ódio. Nossa sociedade parecia estar caminhando em uma direção quase apoteótica de ampliação da democracia. Desde a queda das ditaduras de direita da América Latina e comunistas na Europa Oriental e Rússia, aproximou-se da metade da população mundial o número de pessoas que vivem em regimes que reconhecem liberdades políticas, liberdades pessoais, como religião, orientação sexual etc. Nunca tivemos tanta gente vivendo em condições democráticas, em liberdade. E a inclusão social aumentou muito no século atual - aqui e em muitos países.

Mas de repente, a partir dos anos 2010, tivemos uma regressão rápida e gigantesca disso tudo, o que é preocupante. Essa reversão implica perda de renda para muitos, acirrando a luta de classe,

vamos chamar assim, a luta entre diferentes grupos da sociedade por recursos. Fica difícil escutar os outros. Isso fortalece o racismo (não o estou justificando, só tentando entender). Se cair 10 % a renda per capita, idealmente, cada um perderia 10%, o que aliás é muito. Como essa é uma média, alguns não perderão nada, outros, muito.

Num conflito desses, a maneira mais barata em termos de baixo esforço cognitivo é brigar em nome de algo muito identificável: cor da pele, religião, sexo, orientação sexual. Isso torna ríspido o conflito, cria preconceitos. A guerra da antiga Iugoslávia é o grande exemplo. Entre sérvios e croatas, fica impossível o convívio - ou na Bósnia, que além de católicos como os croatas e ortodoxos como os sérvios, tem os muçulmanos.

A política tem que depender de algum tipo de diálogo. Não cabe nela a guerra nem o ódio sistemático. A política parte da ideia de que as pessoas podem mudar de opinião: esse, o papel das campanhas e eleições. A política exige que um lado aceite a existência do outro. O outro não é inimigo, é adversário. Inimigo você procura matar, com adversário se convive. Tudo isso hoje está precário.

Veja o Facebook, que tem o famoso algoritmo. Este, por questões antes de mais nada comerciais, faz que você veja mais quem concorda com você. Os sistemas são avançados o suficiente para saber o que nós achamos sobre uma gama de assuntos, incluindo política, posição com relação a igualdade de gênero, racismo, gosto por determinados produtos etc. Alguns desses pontos resultam em anúncios. Se notarem que você gosta de viagens, no seu Facebook terá mais anúncios de viagens. Se gosta de comida, mais anúncio de restaurante. E fora da esfera comercial, o algoritmo impede que uma pessoa de esquerda receba postagens direitistas, mesmo que sejam de seus amigos no Facebook. Por exemplo, jamais vi um post de um pedófilo, de um homóforo, de um racista e é provável que entre os meus quase 5 mil amigos no Facebook, haja pessoas assim, mas isso nunca apareceu para mim.

Qual o problema disso? É que você fica em uma bolha. Todo mundo está em uma bolha. Isso torna quase impossível a convivência com o diferente. Cada um se acostuma a postar coisas para quem concorda com ele. Isso leva a uma perversão grande: as pessoas passam o dia repetindo as mesmas coisas, sem dialogar, sem entender que existe o outro.

Há uma história pré-facebook, que eu acho valiosa. Uma pessoa que conheço, que está na política há muito tempo, que trabalhou com André Franco Montoro, me contou que quando Quéricia foi eleito governador de São Paulo, em 1986, uma senhora de idade sua amiga, da alta sociedade lhe disse: “Como ele foi eleito? Ninguém votou nele”. Ou seja, ela não conhecia ninguém que votasse em Orestes Quéricia e, disso, tirava que ninguém era a favor dele. Hoje, temos essas bolhas. Como nosso convívio é limitado, muita gente que convive com gente de direita, há os que só convivem com a esquerda. Nessa altura, você não percebe que há multidões, que têm outro perfil. Precisamos escutá-las.

E aí está a grande tarefa humanista e histórica dos oprimidos – libertar-se a si e aos opressores. Estes, que oprimem, exploram e violentam, em razão de seu poder, não podem ter, neste poder, a força de libertação dos oprimidos nem de si mesmos. Só o poder que nasça da debilidade dos oprimidos será suficientemente forte para libertar a ambos,

PAULO FREIRE (Pedagogia do Oprimido)



Universidade de Brasília

